

Alfabetizar ainda é difícil tarefa

5 MAI 1985

Metodologias inadequadas, falta de tempo para os professores elaborarem material didático, heterogeneidade das turmas, falta de autonomia para que as escolas busquem soluções a nível local. Estes são alguns dos problemas levantados durante o Encontro de Professores Alfabetizadores, que reuniu, desde o dia 3 até ontem, cerca de 1.500 professores de primeira e segunda séries do primeiro grau do DF.

O Encontro foi promovido pelo Departamento Geral de Pedagogia da Fundação Educacional do Distrito Federal. Segundo Eva Waisros Pereira, diretora daquele departamento, há duas espécies de fatores que afetam o trabalho do professor: «Os de ordem social, que não temos condições de resolver, e os de ordem pedagógica, que procuramos solucionar através da busca de metodologias mais compatíveis, melhores condições de trabalho e de assistência ao aluno».

Foram ao todo 14 reuniões, quando os professores foram separados por grupos, de acordo com a metodologia de alfabetização adotada. Através de discussões livres, os professores debateram o trabalho, a metodologia, como processo e como produto, apresentaram sugestões e alternativas de soluções a curto, médio e longo prazos.

Segundo a professora Eva Pereira, um dos grandes problemas levantados durante as reuniões foi a dificuldade de elaboração do material didático, por motivo de tempo, já que os professores cumprem uma jornada semanal de 40 horas e acabam precisando de mais tempo para preparação das aulas, já que «o material didático deve ser muito rico».

Quanto às metodologias, a professora explicou que «devem ser adequadas às diversas clientelas, e os

professores devem ter muita segurança para fazer adaptações de acordo com a realidade das crianças». Essas adaptações incluem o remanejamento de turmas e a liberdade para o professor optar pela metodologia que lhe parecer mais adequada.

Os professores reclamam ainda o maior envolvimento da comunidade nas decisões da escola, o que consequentemente levaria o professor a uma troca maior de experiências com a comunidade. «E precisamos ainda resgatar o papel do professor como responsável direto pelo processo da educação, e não como mero executor do planejamento», afirma Eva Pereira.

Evasão

Segundo dados da Fundação Educacional, a evasão durante a primeira série, no ano passado, chegou a cinco por cento, enquanto na segunda série chegou a 7,5 por cento. A reprovação chegou a 17,9 por cento na primeira série e 24,5 por cento na segunda.

Para a professora Eva Pereira, a elevação do nível de evasão e reprovação reflete a dificuldade de aprendizado nas classes populares. «Neste momento de redemocratização do País, temos que lutar para manter o aluno o maior tempo possível dentro da escola», analisa. «Os problemas sociais interferem no aprendizado, mas nem por isso devemos cruzar os braços, esperando primeiro a sua solução. Temos que tentar corrigir os problemas da forma como nos é possível, utilizando metodologias compatíveis e criando atividades que possam suprir certas dificuldades de aprendizagem. E para isso precisamos de melhores condições de trabalho».

Assim, o Encontro de Professores Alfabetizadores procurou encontrar subsídios para a política educacional, cujas soluções serão levadas à Fundação Educacional.